



Autoconhecimento e transdisciplinaridade: diálogos com Basarab Nicolescu sobre ambiente, educação e novas tecnologias

Samuel Lopes Pinheiro¹

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2450-7813>

Resumo: O trabalho que se segue é a transcrição de uma entrevista e seus diálogos, realizada em fevereiro de 2020 com Dr. Basarab Nicolescu, expoente no desenvolvimento da Transdisciplinaridade no mundo. A parte inicial do texto propõe uma contextualização do momento em que este encontro se deu, em Paris - França, ainda no início da pandemia. Posteriormente, temos uma parte da conversa dedicada a reflexão acerca de alguns conceitos trabalhados pela Transdisciplinaridade e como a questão da subjetividade é tratada; outra seção dos diálogos é dedicada ao conceito de meio ambiente, assim como os conceitos de entropia e neguentropia; e ao final questões sobre novas tecnologias e educação. Todas estas questões em conexão íntima com o tema do autoconhecimento.

Palavras-chave: Autoconhecimento; Educação Ambiental; Entrevista; Tecnologia; Transdisciplinaridade.

Autoconocimiento y transdisciplinariedad: diálogos con Basarab Nicolescu sobre medio ambiente, educación y nuevas tecnologías

Resumen: El siguiente trabajo es la transcripción de una entrevista y sus diálogos, realizados en febrero de 2020 con el Dr. Basarab Nicolescu, exponente en el desarrollo de la Transdisciplinariedad en el mundo. La parte inicial del texto propone una contextualización del momento en que tuvo lugar esta reunión, en París - Francia, al comienzo de la pandemia. Posteriormente, tenemos una parte de la conversación dedicada a reflexionar sobre algunos de los conceptos trabajados por la Transdisciplinariedad y cómo se aborda la cuestión de la subjetividad; otra sección de los diálogos está dedicada al concepto de medio ambiente, así como a los conceptos de entropía y neguentropía; y por último, cuestiones sobre las nuevas tecnologías y la educación. Todas estas cuestiones están estrechamente relacionadas con el tema del autoconocimiento.

Palabras-clave: Autoconocimiento; Educación Ambiental; Entrevista; Tecnología; Transdisciplinariedad.

¹ Doutor em Educação Ambiental PPGA/FURG. Graduação em Letras Português e Inglês (2013) e Administração (2008). Atualmente atua como professor de português como língua de acolhimento para estrangeiros através de projeto no CELE/FURG. Membro do CIRET (Centre International de Études et Recherches Transdisciplinaires) na França e CETRANS (Centro de Educação Transdisciplinar) no Brasil. E-mail: samuelshankara@gmail.com

Self-knowledge and transdisciplinarity: dialogues with Basarab Nicolescu about environment, education and new technologies

Abstract: The following work is the transcription of an interview and its dialogues, conducted in February of 2020 with Dr. Basarab Nicolescu, an exponent in the development of Transdisciplinarity in the world. The first part of the text proposes a contextualization of the moment when this meeting took place, in Paris - France, still at the beginning of the pandemic. Subsequently, we have a part of the conversation dedicated to reflection about some of the concepts worked by Transdisciplinarity and how the subjectivity issue is dealt with; another section of the dialogues is dedicated to the concept of environment, as well as the concepts of entropy and negentropy; and at the end, questions about new technologies and education. All these questions are in intimate connection with the theme of self-knowledge.

Keywords: Environmental Education; Interview; Self-knowledge; Technology; Transdisciplinarity.

Introdução

O entrevistado é Basarab Nicolescu, que nasceu na Romênia em 1942 e se transferiu para a França em 1968. Ele é físico teórico e foi diretor do Centro Nacional de Pesquisa de Paris. Foi um dos fundadores do CIRET (Centre International de Études et Recherches Transdisciplinaires) em 1986, atuando como presidente desse centro durante muitos anos, sendo atualmente, seu presidente de honra.

Embora o termo transdisciplinaridade estivesse já presente em contexto acadêmico desde os anos de 1970, especialmente por conta de menção de Jean Piaget (1972) em Seminário sobre a Interdisciplinaridade, é Basarab Nicolescu que ao longo dos anos de 1980 irá forjar conceitos e métodos em torno da Transdisciplinaridade. De acordo com Nicolescu em entrevista a Alvarenga (2008), ele participou de todos os principais eventos que foram criando o arcabouço teórico e prático para a maturação da transdisciplinaridade, tais como: a conferência de Veneza sobre “Ciência e as fronteiras do conhecimento” em 1986; o congresso de 1991 sobre “Ciência e tradição: prospecção transdisciplinar para o século 21”; o primeiro congresso mundial da transdisciplinaridade em 1994 que ocorreu em Arrábida, Portugal e a confecção dos artigos da transdisciplinaridade; o congresso internacional de transdisciplinaridade “qual universidade para o amanhã?” em 1997; e o segundo congresso mundial da transdisciplinaridade em 2005 que ocorreu em Vitória no Brasil. Recentemente ainda, a conferência internacional Atlas ocorrido em 2018 na Romênia e o terceiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade que teve uma versão online durante 11 meses entre os anos de 2020 e 2021.

Estudar a Transdisciplinaridade, seus conceitos, métodos e desdobramentos pode ter uma grande potência ao campo da Educação Ambiental, uma vez que as questões ambientais e socioambientais são atravessadas por uma diversidade de disciplinas e conhecimentos. Desde suas origens, a Educação Ambiental já indicou em seus esforços teóricos e mesmo em legislações ou documentos orientadores de fundamentos e princípios, uma forte preocupação enquanto a esses aspectos de colaboração entre diferentes disciplinas e conhecimentos.

Contexto da entrevista

O conteúdo que aqui se segue é fruto de entrevista dialogada, concedida por Dr. Basarab Nicolescu, e conduzida pelo então doutorando em Educação Ambiental, Samuel Lopes Pinheiro. Momento este que se deu a partir da realização do doutorado sanduíche em Paris, França, sob co-orientação de Professor Dr. Florent Pasquier (Sorbonne Université), entre o período de setembro de 2019 a agosto de 2020. Esse encontro aconteceu em 05 fevereiro de 2020, às vésperas de uma compreensão maior de diferentes países sobre a intensidade e letalidade da pandemia do Coronavírus e dos subsequentes fechamentos de cidades, transportes, serviços e de toda movimentação em geral, como os *lockdowns* e outras restrições.

Ao mudar a voz do texto para a primeira pessoa, começo dizendo que fui gentilmente recebido em seu apartamento, no 19^o *arrondissement*², em um final de tarde de uma quarta-feira fria de inverno. Naqueles dias, a França passava por forte greve dos transportes, uma das maiores de sua história. Eram reivindicados a manutenção de direitos trabalhistas e a revisão da reforma nas pensões proposta pelo governo. Saí da *Cité Universitaire*³, com bastante antecedência para evitar o atraso, mas não houve jeito.

² A cidade de Paris é subdividida em 20 *arrondissements*, que possuem cada qual suas sub-prefeituras ligadas a prefeitura central da cidade. O número 1 está no centro e eles vão se espalhando pela cidade em forma de espiral. O 19 fica na região nordeste da cidade.

³ A *Cité Universitaire* é um complexo de prédios de moradias de estudantes e pesquisadores universitários situado no 14^o *arrondissement* de Paris, na região sul. Sua construção remonta do período do pós Segunda Guerra e de um clima de esperança que era a tônica entre as nações naquele momento. Há prédios construídos sob a iniciativa de diferentes países, como é o caso do Brasil que tem o seu próprio prédio, sob o desenho do

Assim foi que cheguei em sua residência, um pouco atrasado e um outro tanto nervoso por estar encontrando pessoalmente um intelectual de reconhecido trabalho em diferentes áreas do conhecimento, em especial na consolidação da Transdisciplinaridade. A greve dos transportes foi nosso assunto inicial para quebrar o gelo e para contextualizarmos aquele momento.

Havia ido com algumas perguntas em mente, anteriormente discutidas com o auxílio do orientador no Brasil, Dr. Humberto Calloni. O diálogo original foi feito em inglês e aqui está transcrito já traduzido ao português, a partir de arquivo de áudio de cerca de 70 minutos. Logo no início, Basarab perguntou-me o que eu havia lido de seu trabalho como uma forma de entender como podíamos iniciar a conversa. Mencionei, o Manifesto da Transdisciplinaridade, os artigos da Carta da Transdisciplinaridade e o livro “Ciência, Sentido e Evolução”. Ele recomendou-me igualmente para que eu entrasse em contato com o acervo de material presente no seu site pessoal e no site do CIRET⁴.

O problema da subjetividade

Nas palavras de Nicolescu:

- Você mencionou a subjetividade. Uma palavra que vem do pensamento clássico em certo sentido, porque a ciência clássica rejeita o sujeito, por isso, a ciência é objetiva. Agora a Transdisciplinaridade é abertamente baseada na reintrodução do sujeito, como você bem sabe, então o sujeito é tão crucial quanto o objeto. Não somente isso, mas eles devem ser mediados pelo que eu chamei em minha abordagem de *hidden third* (terceiro escondido). Você conhece o conceito de terceiro escondido?

Respondi:

- Sim, sim.

Ele continuou:

arquiteto Lúcio Costa. Eu morei no prédio *Maison du Cambodge*, construído ainda nos anos de 1950, mas que ficou inoperante durante muitos anos devido aos conflitos políticos do Camboja em anos subsequentes.

⁴ Site do CIRET: <https://ciret-transdisciplinarity.org/>

- Então você tem uma estrutura ternária, composta de sujeito, objeto e terceiro escondido, que é uma circulação de informação entre os três. O que significa dizer que em certo sentido, a espiritualidade é algo maior do que o pensamento analítico. Este por sua vez não pode ser reduzido. Claro que o pensamento analítico é muito útil, mas ele sozinho, não pode tratar do tipo de problemas que estamos discutindo agora. Então, o que é crucial aqui, é compreender o que é o *hidden third* (terceiro escondido). O que é para você o terceiro escondido?

Tomando papel e caneta em mãos, eu desenho uma triangulação formada por três pontos e disse:

- Associo com aquela imagem em que em um ponto temos o ponto A, no outro o não-A. Acredito que seja algo que esteja para além dessas duas perspectivas, em um sentido mais amplo, conectando-as.

Mas Nicolescu pontua:

- Sim, mas isto não é o terceiro escondido. Isso que você descreveu é o chamado *Included Middle* ou *Included Third* (terceiro incluído). É um pensamento lógico desenvolvido por Stéphanou Lupasco, a lógica do terceiro incluído em como construir opostos. Então, não é isso.

Novamente com a caneta, faço linhas horizontais paralelas de um lado e linhas horizontais paralelas de outro lado. Um dos lados representa o sujeito, do outro, o objeto.

- É talvez aquilo que vai além dos níveis (as linhas desenhadas), mas que não podemos claramente capturar? Os níveis de realidade e os níveis de percepção. É o fluxo de informações entre os níveis.

Tomando a caneta e o papel para si, Basarab continua:

- Sim, é bom você ter lembrado isso! Aqui os níveis são descritos como resistência. Resistência aos nossos experimentos, resistência a imagens, resistência a descrição, resistências... agora... entre os níveis não há resistência. Não há nada o que resistir. Então há uma dialética entre resistência e não-resistência. A não-resistência está entre os níveis, mas também entre sujeito e objeto. E isso eu chamo de *hidden third* (terceiro escondido). Então o terceiro escondido tem uma estrutura complexa que detém esta região entre objeto e sujeito que os permite de se comunicarem entre si e entre os níveis. É algo que é racional

porque é perguntado pela razão, mas não é racionalizável. Em outras palavras, não pode ser formalizado.

Com isso temos uma estrutura, sujeito-objeto-terceiro escondido que é diferente de A, não-A e ponto T. O segundo está no âmbito do pensamento lógico, na descrição da construção de contraditórios, e o primeiro escapa do pensamento lógico, associado ao pensamento simbólico. Símbolos. Em outras palavras, você não pode falar sobre isso, mas pode sentir, experimentar em si mesmo. Aí é onde se encontra o seu problema de pesquisa - o conhecer-se a si mesmo.

Basarab Nicolescu: Por favor, coloque questões. Você me tem aqui face a face.

Samuel Pinheiro: Nesse sentido em que o objeto e o sujeito estão um diante do outro, apoiados pelo terceiro escondido, e um Eu está tentando olhar para o autoconhecimento, um sujeito que volta a si mesmo..., mas se considerarmos que o objeto é a natureza, e o Eu é a natureza também, como se dá este fluxo de informações (*hidden third*) de voltar-se para si mesmo?

BN: Boa questão! Isto depende do que você chama de *self* e ser humano. Por acaso é o ser humano reduzido a um animal? Ou a natureza? Ou há ainda outra coisa também? Nós temos um nível racional, mas temos também um nível psicológico, temos também um nível espiritual. Então esses níveis de percepção do sujeito estão em parte, como circulamos aqui, vendo a informação cruzar níveis através do sujeito, cruzar níveis através do objeto e retornar (ao sujeito). Temos circulação de informação voltando através do terceiro escondido. Isso significa que autoconhecimento envolve a natureza, mas é muito mais do que a natureza. Autoconhecimento envolve o pensamento, mas é mais do que o pensamento. E este “mais do que” está cristalizado pela noção de terceiro escondido e pela não-resistência.

O fato de você ter autoconhecimento não quer dizer que seja o conhecimento da natureza. Este é o engano cometido pelo pensamento clássico. Porque se é apenas conhecimento da natureza, há o colapso disso (sujeito) em um único nível e o colapso disso (objeto) em um único nível. E não há mais o terceiro escondido. Apenas sujeito de um lado,

objeto de outro e nada entre. O sujeito reduzido a um objeto. Isso é o chamado pensamento clássico ou metafísica clássica, o que era o pensamento antes da transdisciplinaridade.

Então autoconhecimento significa travessia. Atravessar todos os níveis de realidade do objeto, todos os níveis de realidade do sujeito e isso inclui o terceiro escondido.

SP: Então não há como dizer que conhecer a si mesmo é por este ou aquele caminho, mas por um caminho aberto. Autoconhecimento é um caminho aberto?

BN: Sim, caminho aberto e de experimentação. Experimentação permanente por toda a vida. Não há como parar e dizer que o “Eu” significa isto ou aquilo. Isso seria um erro, porque isso significa destruir a circulação de informação, que é como um movimento perpétuo.

Voltando ao conceito de ambiente

BN: O que chamamos por ambiente? O que é o ambiente? Você pode pensar o ambiente em um nível de realidade conectado por exemplo com as árvores, a ecologia, a natureza, etc. O que é o ambiente? Ambiente é ar. O que é o ambiente? Ambiente são as pessoas. O ambiente é o aspecto psíquico também. Com isso quero dizer que o ambiente nesta descrição tem sentido multidimensional e complexo. Então pode ser bastante útil, porque mostramos todos os erros ao descrever o ambiente reduzido a algo. É uma boa questão para a sua Tese, porque dá uma nova perspectiva as discussões atuais de ecologia, de antropoceno e todas essas discussões. Introduz uma nova maneira de pensar, e a nova maneira é descrever sujeito, objeto e terceiro escondido. Isso significa dizer que você não reduz a uma única coisa. O reducionismo significa um grande erro. O reducionismo é bom para construir modelos, mas modelos não são a verdade, são apenas uma aproximação.

SP: Nesse sentido de um ambiente que é ao mesmo tempo externo e interno, com diferentes níveis, algo que me preocupa neste entremeio é ter uma perspectiva social da compreensão desse ambiente.

BN: Com certeza.

SP: Especialmente a partir de algumas conferências sobre Educação Ambiental, houve num determinado momento o acréscimo do prefixo social que se une a palavra ambiente, e daí surge o socioambiental. Uma crítica que percebo para com a Transdisciplinaridade é a de ser uma abordagem muito aberta. Dessa forma, como podemos estar conectados a questões sociais com uma abordagem tão abrangente quanto a Transdisciplinaridade?

BN: Muito boa sua pergunta, esta é uma questão fundamental. Vamos começar pelo maior problema – a confusão. Vamos para a discussão dos níveis. Nós podemos distinguir o nível individual... você, eu, minha esposa, amigos, pessoas. Discutir o social significa discutir comunidade de pessoas... como família, nação, grupos e por aí vai. Podemos distinguir níveis cósmicos, e nós não estamos separados do cosmos, e podemos ir além na descrição destes níveis. Mas vamos parar por aqui. O fato é o de não confundir estes níveis, porque grandes problemas vêm a partir da confusão de níveis. É o que eu chamo em alguns de meus trabalhos de “níveis de confusão”. Isso se dá quando misturamos níveis. O que é crucial aqui é que eu não apenas tenha desenhado linhas aqui para ilustrar esses níveis, mas mostrar de que há descontinuidade entre os níveis. Não há como ir de um nível para outro de forma contínua. Continuidade em um sentido matemático. (...) E isso tem a ver com a causalidade. Há um certo tipo de causalidade no indivíduo, outro tipo de causalidade no social e outra no nível cósmico. E entre níveis há descontinuidade, mas descontinuidade de quê? De Leis. As leis são diferentes. Por exemplo, o que é bom para o indivíduo, não é necessariamente bom para a sociedade. Por exemplo, se eu tenha desejos de sair fazendo amor com uma mulher ou com um homem... terei de parar porque há restrição social. Uma descontinuidade entre níveis. Então o nível social, da comunidade está conectado com outros níveis, mas a conexão não é uma conexão contínua. A conexão é através do terceiro escondido, aí está o ponto.

BN: Podemos falar sobre questões sociais, com certeza, e é muito necessário fazê-lo. Mas se você toma o social como sendo independente do indivíduo, do planetário ou do cosmos, é uma catástrofe. Algo que testemunhamos em nossos dias. Por que vemos atualmente nas questões sociais... conflitos étnicos, guerras, violências, etc. Por quê? Porque não há conexão entre os níveis. Há um significado da violência aí... por que as pessoas estão matando umas as outras?... Por que em nome de religião eu tenho de matar pessoas de

outra religião? A razão disso está aqui (na cabeça) que diz que preciso eliminar o outro porque o outro é meu inimigo. Eliminação significa reducionismo. Então a crítica de que a Transdisciplinaridade seja aberta é algo sem sentido. Isso não é uma crítica, mas uma qualidade. Abertura significa abrir para essa informação que circula entre os níveis e que é preciso conectar, como o social com o individual. O social com o planetário, o planetário com o cósmico. E talvez com o divino, mas isso já é algo mais delicado. Mas que está aí, naquilo que podemos chamar de sagrado, como eu trato em meus escritos. Você vê o problema? Não é uma crítica, mas uma qualidade, o fato de a Transdisciplinaridade ser aberta.

Entropia, neguentropia, vida e morte

Vamos entender por que a abertura é uma qualidade. Você sabe o que significa a entropia? Perguntou Basarab.

Samuel Pinheiro: Seria o processo de ir decrescendo? Em direção a desordem e ao caos.

Basarab Nicolescu: É algo da termodinâmica. Porque os sistemas estão fechados, há uma lei da entropia que vai em direção a destruição.

SP: Então, é por que se fecha que tende a morte?

BN: Sim, através dessa lei de aumento da desordem e do caos. O oposto a isso é a neguentropia. Significa aumento de ordem e harmonia. Como a neguentropia aparece? Através da abertura. Então na Transdisciplinaridade nós somos bem-sucedidos quando provocamos uma passagem da entropia a neguentropia. Um exemplo de sistemas entrópicos, são os sistemas naturais. Nosso corpo físico em seu conjunto de elementos, caminha para a morte. O que é a morte? É a entropia, é o caos, desordem, término. O processo inverso é a neguentropia, que é biológico. De uma maneira estranha, a biologia trabalha contra a entropia. É por isso que quando uma criança nasce ela desenvolve sua vitalidade, força, e por aí vai. Finalmente depois vai na outra direção. Stéphane Lupasco falou muito sobre isso de uma maneira bonita, sobre níveis naturais, biológicos e psíquicos.

SP: Recordo que no Manifesto da Transdisciplinaridade você menciona sobre uma necessidade de dar nascimento a um novo homem, e para isso uma passagem pela morte é uma passagem necessária. Posso conectar esta passagem com isso que estamos falando agora?

BN: Sim, com certeza, e isto está conectado com autoconhecimento... agora, o que acontece realmente na vida? Nós não nascemos do nada, nós nascemos a partir do encontro de duas coisas muito pequenas, o espermatozoide e o óvulo. E a partir daí, vem uma criança cheia de potencialidades. Este bebê vai para uma família. A família o educa, lhe dá ordens, preconceitos. Depois, ele vai para a escola, que de uma maneira formal lhe dá uma educação, cheia de preconceitos também. E o ser humano começa a pensar que é natural pensar dessa maneira. Não é natural, são só preconceitos impostos pela família, pela educação, pela sociedade etc. Agora, o que é a maneira de autoconhecer-se neste caso é estudar a si mesmo e ver todas essas condicionantes e descobrir que você é condicionado por tudo isso... pela família, educação, sociedade, tempo, tempo histórico, greves, guerras, violências, pelo que a gente vê na televisão. Então, com o intuito de libertar ou de chegar em uma liberdade, é necessário matar essa imagem que você tem de si mesmo. É a morte de si mesmo, em vida, não algo para depois da morte. Matar, na verdade não é uma morte real, porque você mata apenas uma imagem. Mas você pensa que a imagem é a realidade. E você pensa que este ser humano cheio de imagens, de preconceitos e de ideias condicionantes é o que deve ser chamado de Eu. Isso não é o Eu, são apenas eus, muitos egos. A pessoa pode ser violenta em uma situação, muito terna em outra, e amável em outra situação, e muito boa em outra...tudo isso dentro de si. Mas isso não é o Eu. O Eu significa algo estável. Permanente.

SP: Mas o que é permanente nesta vida?

BN: O terceiro escondido. A coisa permanente o que quer que aconteça, é o movimento. Você percebe...o problema do terceiro escondido é o terceiro escondido. É uma outra forma para movimento perpétuo. Movimento de informação. Então, se você parar esse movimento, você mata a si mesmo, não é mais perpétuo. Não há um Eu, há muitos e muitos

eus que você pode descobrir para se conhecer. Muitos ensinamentos espirituais que se tem no mundo hoje, conhecimentos religiosos e não religiosos, de todos os tipos... New Age, Yoga, Budismo, etc, dão maneiras a você de descobrir os muitos níveis que temos em nós - o que não é o Eu. Na Bíblia por exemplo, Moisés pergunta: quem é você?

SP: Eu sou o que sou.

BN: *Eu sou quem sou*. Ponto final. *Je suis celui qui je suis*. É uma sentença incrível! Isso significa que não importa o que aconteça, eu sou estável. Isso não quer dizer que chegamos nisso exceto por ensinamentos espirituais ou trabalhos espirituais. Mas eu penso que é justamente porque esse trabalho ainda não foi feito é que temos violências, guerras, problemas ambientais, aquecimento, mudanças climáticas etc. Todos esses problemas estão interconectados. E a sua maneira, Edgar Morin, muito bem explica sobre isso, através da Complexidade, a presença dessa interconexão entre diferentes aspectos.

SP: Eu vejo muita conexão disso que estamos falando com a Filosofia Vedanta. Há por exemplo um conceito que explica que estas identificações não são reais. Esse nome não é real, essa forma não é real. Mas normalmente nós nos identificamos com estes nomes e formas.

BN: Sim, foi o que acabei de falar agora há pouco, mas em termos ocidentais.

SP: Nós tendemos a super impor sentidos.

BN: Sim. Nós fazemos isso o tempo todo. E nós pensamos que estes sentidos são a verdade e são óbvios, e não são. Eles são apenas convenções impostas por diferentes interesses...de pessoas, de grupos de conhecimento. Máfias do conhecimento. Eu nunca uso essa expressão, mas pode ser uma boa expressão aqui.

Autoconhecimento e novas tecnologias

SP: Dando continuidade à nossa conversa. A partir dessa compreensão de autoconhecimento com todas estas autoidentificações e imagens, como pensar o autoconhecimento frente aos desafios das novas tecnologias? Como a Transdisciplinaridade entende este momento?

BN: Bom, eu escrevi muito sobre isso. No meu site pessoal você poderá encontrar artigos sobre o que eu chamo de nova barbárie. Ela está conectada com o Antropoceno, Terrorismo, e o mais recente, Transhumanismo. E que estão todos conectados com tecnologia. Isso não quer dizer que a tecnologia seja algo ruim, ela é maravilhosa, extraordinária. Mas, a tecnologia é cega aos valores e este é um problema das tecnologias. Um grande filósofo como Heidegger viu isso há muito tempo, ele tem lindos escritos sobre a técnica. A tecnologia é cega em sua eficácia por mera eficácia. Eficiência econômica certamente. Então, tudo que é possível está feito. Porque nós reivindicamos em ciência e tecnologia, que tenhamos liberdade na ciência e entre cientistas. O que é a liberdade neste sentido? É fazer tudo o que quisermos pela curiosidade científica. Mas acontece que as vezes o que fazemos cientificamente, vai contra o ser humano. Como a bomba atômica que veio da mecânica quântica, da microfísica da energia em pequena escala da matéria. Mas quando isso é usado em Hiroshima e outros lugares e talvez em outros lugares no futuro, ela destrói pessoas. Então o problema da tecnologia, não é a tecnologia em si mesma, mas o fato de ela ser cega a valores. Então problemas éticos são capitais aqui. Qual ética? A ética só pode ser transdisciplinar, porque ética significa combinar pontos de vista de diferentes disciplinas. Se eu fizer uma ética a partir de uma perspectiva biológica, ela será uma coisa, de um ponto de vista religioso, será outra coisa, e assim por diante. Isso não é bom, é uma ética especializada. O problema é conversão de valores da tecnologia. Um dos grandes problemas ao lidar com a tecnologia é o de ter a consciência sobre a conexão das necessidades humanas. Quero dizer que o que é necessário estar no centro de qualquer conhecimento, é o ser humano. Não é para ser contrário ao ser humano.

SP: Mas, e para isso...?

BN: Para isso é necessário o autoconhecimento. Não se pode chegar lá, sem saber quem se é. E isso nos direciona para a palavra chamada consciência. Uma nova consciência é um grande problema. Como chegar em um nível de consciência de integração?

Fizemos uma pequena pausa por aqui, tomamos suco e comemos alguns petiscos. Basarab pediu licença para pitar seu cachimbo, e logo após continuamos.

SP: Estávamos começando a falar sobre o transhumanismo e novas tecnologias. Podemos dizer que este novo termo de transhumanismo é um tanto quanto confuso no sentido em que corrompe os próximos passos do ser humano, ou ao relacionar com a morte do homem que você acabou de falar, temos uma propensão do transhumanismo em querer uma vida eterna. Como você vê isso, do transhumanismo se apropriar do destino humano?

BN: A ideia básica do transhumanismo está no fato da ideia de um processo evolucionista darwinista estar no fim e que agora podemos migrar para uma evolução que combina aparelhos eletrônicos e máquinas com o corpo. Com isso, cria um novo tipo de espécie humana, um tipo diferente, o que em termos científicos é possível e atrativo. Porque quando você diz, eu quero terminar com o sofrimento, com a doença, com a velhice e assim por diante, qualquer um ficaria contente de escutar sobre isso. Tem nisso uma visão utópica bastante atrativa e possível. O problema aqui é esta combinação de humano com não humano na criação de algo como um ciborgue. Novamente temos o problema do autoconhecimento, porque autoconhecimento traria um sentido completamente diferente nesta situação. O que é o self de uma máquina? (Risadas). Então atrás da ideia, tem algo muito virtuoso ligado a eliminação de todos os tipos de transcendência, daquilo que está além do poder humano. Em nossa linguagem, é a tentativa de eliminação do terceiro escondido. Então o problema do Transhumanismo é extraordinário porque possui grandes desafios. Mesmo cristãos estão atraídos por esta ideia. Há por exemplo uma associação transhumanista cristã, em que eles alegam que ao final de contas, Jesus era algo como um transhumanista. É um jogo de palavras! Porque Jesus não era uma combinação de corpo humano com máquina. Eram duas naturezas, a humana e a divina. No Transhumanismo não há mais natureza divina, porque eles dizem que “nós sabíamos que isso era ruim”, todas essas ideias de divindade, porque elas limitam o ser humano. Então, isso pode levar a muitos desastres. Isso não quer dizer que tudo é mal nessa abordagem, porque o que tem a ver com a diminuição de sofrimento, de doenças, pode ser bom. Então não há problema exatamente nisso, o problema está além do limite. Ficou claro para você?

SP: Sim. Mas gera uma certa confusão com relação aos termos transhumanismo e transdisciplinaridade, devido a partícula comum do “trans”. Ainda há o exemplo dos transgênicos na alimentação.

BN: Com certeza! Não é o suficiente colocar a palavra “trans” para dizer que é transdisciplinar. A palavra trans é muito bonita porque é uma palavra que significa “para além”.

SP: Certo. Mas você ia dizendo de que o problema está nos limites desse transhumanismo. Mas como mensurar esses limites, por exemplo no campo político e suas discussões?

BN: Não entendi completamente. Você pode reformular a pergunta?

SP: Há diferentes limites que diariamente estamos tentando colocar. Os limites da transgenia nos alimentos, os limites do transhumanismo e o quão longe as máquinas podem estar presentes na vida cotidiana. E me parece que o campo para o debate desses limites se dá no campo político. Como a Transdisciplinaridade atua nas esferas políticas?

BN: As pessoas da política não estão atraídas pela Transdisciplinaridade. Porque elas sabem que não serão eleitas se tiverem ideias transdisciplinares. Eleições estão frequentemente associadas com a limitação, o reducionismo e a simplificação. Quando se simplifica um problema, as pessoas caem nisso e dizem: “ah, vamos votar neste”. Como foi nas últimas eleições no Brasil em 2018.

SP: Soluções simplistas.

BN: Simples e que estão sempre erradas. O problema de políticos é em primeiro lugar as eleições, e em segundo lugar, sua ignorância. Eles não sabem nada. Há atualmente mais de 8 mil disciplinas, como eles poderiam decidir? Para isso os políticos apelam aos especialistas, mas o especialista, o que ele sabe? Uma disciplina entre 8 mil. Então as decisões são tomadas a partir da ignorância. Eu penso que no campo político será um longo processo, que está conectado com a formação de líderes políticos através da Transdisciplinaridade. Eles terão de ir para a escola, isso significa aprender metodologias transdisciplinares. Menciono isso no Manifesto da Transdisciplinaridade. Então o problema não é fazer política, o

problema está que estão sempre enganados. Quando olhamos ao redor no mundo hoje, onde está a transdisciplinaridade nas decisões, visões, pensamentos políticos? Nada.

SP: Você utiliza a palavra Transpolítica em seus trabalhos.

BN: Sim, o que eu quis dizer com Transpolítica, é o seguinte: decisões são feitas por partidos políticos – liberal, esquerda, direita, etc. Quando se tem um problema que é o do interesse da nação por exemplo, deveria se unir esforços, como a palavra trans indica, e ir além das divisões políticas. Nunca é feito dessa maneira. Então, é sempre a questão do autoconhecimento e da consciência. Quando os líderes forem conscientes sobre quem são, haverá uma mudança no mundo.

SP: Sempre retornamos para a questão do autoconhecimento.

BN: É o problema central, da consciência.

SP: E há uma pedagogia, ou uma maneira apropriada para o desenvolvimento desse autoconhecimento de uma forma aberta como estamos tratando?

BN: Eu penso que é o problema da formação de formadores como é chamado. Nós tentamos desenvolver isso no Brasil com o CETRANS (Centro de Estudos Transdisciplinares) em São Paulo. Nos reunimos todos os anos em conferências para a formação de pessoas para a Transdisciplinaridade. Há um caminho, mas é um longo caminho. A Transdisciplinaridade não é uma solução que você faz de um dia para o outro. Trata-se de mudança civilizacional. É uma longa história.

Figura 1. Foto Samuel Lopes Pinheiro e Basarab Nicolescu em 05/02/2020.



Fonte: arquivo pessoal.

A maior parte da conversa que tivemos naquele dia está registrada aqui nessas páginas. Compartilhar esse diálogo com os leitores é uma forma de expressar a fecundidade da pesquisa e da formação em Transdisciplinaridade, daquilo que está entre, através e além das disciplinas (Pasquier; Nicolescu, 2019). O nosso tema comum do diálogo esteve centrado na reflexão acerca do autoconhecimento, e que ao longo das discussões tratadas aqui, perpassa por conhecimentos diversos, como filosofia, educação, física, política e outros. A riqueza da Transdisciplinaridade está justamente em sua abertura ao diálogo entre conhecimento diversos, e esse diálogo entre conhecimentos é uma preocupação cara ao campo da Educação Ambiental.

Referências

NICOLESCU, Basarab. The international congress of transdisciplinarity. Their importance for the emergence of a transdisciplinary methodology. An interview given to Augusta Thereza de Alvarenga. In: **Transdisciplinarity in Science and Religion**. V. 3 Bucharest, Romania: Curtea Veche Publishing House, 2008.

PIAGET, Jean. L'épistémologie des relations interdisciplinaires. Dans : **L'interdisciplinarité : problèmes d'enseignement et de la recherche dans les universités**. Paris: OCDE, 1972.

PASQUIER, Florent; NICOLESCU, Basarab. To be or not to be Transdisciplinary, That is the New Question. So, How to be Transdisciplinary?. **Transdisciplinary Journal of Engineering & Science**,v 10, 2019. <https://doi.org/10.22545/2019/0110>

Submetido em: 05-08-2022

Publicado em: 18-08-2023